



**Luciana de Lourdes Ribeiro Ramos da Silva**

**A PRESENÇA DA ORALIDADE NA LITERATURA DE  
PATATIVA DO ASSARÉ**

**LAVRAS – MG  
2021**

LUCIANA DE LOURDES RIBEIRO RAMOS DA SILVA

**A PRESENÇA DA ORALIDADE NA LITERATURA DE PATATIVA DO  
ASSARÉ**

Artigo apresentado ao curso de Letras/Português da Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Natalino da Silva de Oliveira

**LAVRAS – MG  
2021**

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, João Ribeiro e Vitória Ramos Ribeiro (*in memoriam*).

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por me permitir chegar até aqui!

Ao meu pai, João Ribeiro (*in memoriam*), por me ensinar a valorizar a poesia!

Ao meu esposo, Gilmar A. Gomes da Silva, pelo companheirismo e grande incentivo!

Ao meu, irmão João Batista Ribeiro da S. Reis, pelo imensurável apoio!

Ao meu orientador, Professor Dr. Natalino da Silva de Oliveira, pelo direcionamento durante todo este trabalho!

## Resumo

Os estudos sobre a oralidade de Patativa do Assaré estão inseridos em obras da Literatura de Cordel, na qual se manifestam sentimentos e ansiedades da vida do povo nordestino. Especificamente, neste estudo, foi analisado o poema “Vaca Estrela e Boi Fubá”, onde se destaca a presença da oralidade de Assaré. Foi apresentado como objetivos sobre a literatura de cordel, estudos sobre essa literatura identificadas por meio de suas rimas e particularidades de um contexto cultural e da mesma maneira, a importância da Literatura de Cordel para a cultura do povo brasileiro, partindo de seu poder transformador na sociedade. Assim como prévios conhecimentos inseridos junto à música e a xilogravura, por uma demonstração em fazer parte de um conjunto estrutural da Literatura de Cordel. Partindo para a música que consegue englobar uma essência onde transfigura por meio da sonorização, valorizando ainda mais essa literatura. Sendo assim, o trabalho apresenta a importância de literatura de cordel de Patativa de Assaré para a oralidade, partindo da chegada ao Brasil, das dificuldades atravessadas à condição de valor sociocultural alcançada e do conjunto junto à música e a xilogravura. Os estudos sobre o cordelista Patativa do Assaré destacam-se por meio de sua oralidade e de sua trajetória, sendo estas em formatos de conquistas, para a valorização da literatura de cordel.

**Palavras-chave:** Literatura de cordel. Oralidade. Patativa do Assaré. Música. Xilogravura.

## **Abstract**

The studies on the orality of Assaré's Patativa are inserted in works of string literature, which are stated feelings, anxieties and life of the northeastern people. Specifically in this study, the poem "Vaca Estrela and Boi Fubá" was analyzed which is highlighted the presence of orality in Assaré. It was presented as objectives on Cordel's literature studies on this literature identified through their rhymes and particularities of a cultural context and in the same way, the importance of string literature for the culture of the Brazilian people, based on their transforming power in society. As well as prior knowledge entered with music and woodcut, by a demonstration in being part of a structural set of string literature. Based on the music that can encompass an essence where it transfigures through the sound, valuing this literature further. Therefore, the work presents the importance of string literature of Assaré Patativa for orality, starting from arrival in Brazil, of difficulties crossed the condition of sociocultural value achieved and the set with music and woodcut. The studies on the string man Assaré's Patativa stand out through their orality and trajectory, these being in formats of conquests, for the valorization of string literature.

**Keywords:** String Literature. Orality. Assaré Patativa. Music. Woodcut.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1- Patativa do Assaré.....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 2- Vaca Estrela e Boi Fubá.....</b>	<b>21</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. CONHECIMENTOS DA LITERATURA DE CORDEL JUNTO À</b>	
<b>ORALIDADE.....</b>	<b>10</b>
2.1 O Cordelista Patativa do Assaré.....	12
2.2 A Importância da Literatura de Cordel Para a Cultura do Povo Brasileiro em Geral.....	15
<b>3. ANÁLISE.....</b>	<b>18</b>
3.1 A Xilogravura.....	18
3.2 A Música Popular e o Cordel.....	22
3.3 Contextualização do Estudo.....	29
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A importância da oralidade e da voz para os textos escritos e impressos tem se tornado cada vez mais evidente, conforme afirmam Rodrigues e Canto (2009). Tal fato pode ser comprovado ao se constatar o uso de variações linguísticas em formas de composições intimamente vinculadas à tradição oral e o costume de ler textos em voz alta fez com que fosse necessário rever muitas ideias em torno da invenção, divulgação e recepção de vários tipos de literatura que, à luz dessas investigações ganharam outra dimensão, conforme defendidos por Kulikowski (2002).

Em se tratando de oralidade, Rodrigues e Canto (2009) destacam que a Literatura de Cordel é um dos seus representantes mais significativos. O estudo, aborda apontamentos que serão desenvolvidos em um diagnóstico sobre a influência da oralidade na Literatura de Cordel de Patativa do Assaré e sua importância como patrimônio da cultura brasileira. O trabalho destaca os obstáculos enfrentados pelo Cordel e junto a sua conquista como patrimônio cultural brasileiro e também do aconchego da Literatura de Cordel ao gosto popular, inseridos na riqueza da oralidade apresentada por Patativa.

Sendo assim, este estudo pretende, por meio da valorização da oralidade, praticada por Patativa do Assaré, salientar o poder de transformação da oralidade conformada e veiculada na Literatura de Cordel, observando como esse poeta articula a sua produção textual com outros elementos, como a Música e a Xilogravura. Além disso, reflete-se sobre a aproximação desse gênero literário com o povo, a gente simples, devido à sua simplicidade e capacidade de alcançar todas as pessoas, independentemente de seus níveis de escolaridade formal. Esta pesquisa, portanto, visa analisar como a Literatura de Cordel se baseia na oralidade, analisando-se o Cordel intitulado “Vaca Estrela e Boi Fubá”, de Patativa do Assaré, entendendo-se que a ampliação

de conhecimentos sobre a Literatura de Cordel permite que dê mais atenção às rimas identificadas na oralidade.

A importância dessa literatura para a cultura do povo brasileiro em geral é observada junto aos costumes do povo, fortalecendo uma identidade, assim como sua demonstração na Música e na Xilogravura. Vale ressaltar que durante a contextualização do estudo foi observado uma exemplar homenagem a Patativa do Assaré considerando o seu centenário, onde é notado também que ele se faz presente até os dias atuais devido ao imenso valor de seu trabalho. Diante disso, sua resolução se dá por identificar a qualidade dessa literatura e o seu nível intelectual, apresentando nela os seus portos de transmissão de conhecimento e motivação para a população.

## **2 CONHECIMENTOS DA LITERATURA DE CORDEL JUNTO A ORALIDADE**

A tradição oral é amplamente difundida pelos modos e meios de comunicação humana. Ela se refere a um meio oral dinâmico e altamente diversificado para a evolução, armazenamento e transmissão de conhecimento, arte e idéias e é tipicamente contrastante com a Alfabetização, com a qual pode interagir de uma miríade de maneiras, e com Literatura, onde podem ser abordados elementos relacionados à diversidade e função social, conforme destacado por Kulikowski (2002).

Cumprido ressaltar, a propósito das origens da literatura oral, que, de acordo com Câmara Cascudo, no livro *Literatura Oral no Brasil* (2012), tem seu fundamento duas vertentes: uma delas, resumida por estórias, e, a outra, se define por antigos livrinhos vindos de Portugal e Espanha, originados do folclore. Nota-se, portanto, que contribui, significativamente para o desenvolvimento da literatura popular.

A literatura oral é tida como repositório do conhecimento crítico, filosofia e sabedoria para as sociedades pouco letradas. Por meio da narrativa, poesia, música, dança, mitos e fábulas e textos voltados para rituais religiosos, guerras e paixões, ela fornece retratos dos sentidos da vida como experimentados pela sociedade em seu tempo particular e lugar, com seus desafios existenciais únicos. Por tudo isso, Câmara Cascudo compreende que “Essa literatura, que seria limitada aos provérbios, adivinhações, contos, frases feitas, orações, cantos, ampliou-se alcançando horizontes maiores. Sua característica é a persistência pela oralidade” (CASCUDO, 2012, p. 13). Ela retrata como alguém vive uma vida moral e explica a natureza dos relacionamentos do Homem com a divindade.

Assim, mantém o conhecimento da sociedade que é transmitido de geração a geração, por conter a história da sociedade e suas várias experiências, altos e baixos, trazendo para diante das pessoas os sistemas de crenças da sociedade que conferem sentido à vida dos seus membros. Ela fornece um guia para o comportamento humano e sobre como viver a vida. Em outras palavras: pode-se dizer que a literatura oral desempenha papel muito importante na formação e no refinamento da personalidade do indivíduo, porque:

[...] é a partir da língua, do indivíduo e da sociedade que a identidade é construída. Desse modo, o indivíduo se constrói na e pela língua. Ou seja, a língua, assim como as identidades são constituídas na interação com o outro. A interação é, então, fator preponderante para o reconhecimento dos indivíduos em uma determinada prática social (MEZAVILA; CRUZ, 2016, p. 6).

No que concerne à tradição oral, esta se destaca por várias formas e o Cordel tem sido a mais resistente delas, por se considerar uma literatura sustentada pelas suas rimas e, também, pelas peculiaridades que seus autores carregam de suas próprias vivências. É, portanto, mais do que justo destacar

Patativa do Assaré, por ser considerado um dos maiores poetas brasileiros, respaldado por sua produção ancorada na oralidade.

A Literatura de Cordel, apesar de muito antiga, é também considerada como nova, em obras de expressão e representatividade no campo literário, tendo o seu reconhecimento se deu gradativamente. As inovações no que concerne às obras são observadas na mudança significativa sofrida pela Literatura de Cordel, após o advento e a popularização do rádio e da televisão. Não apenas perdeu sua função primária de jornal informal, mas conquistou um público totalmente novo. Após um curto período de crise, durante a década de 1960, a Literatura de Cordel voltou à baila, na década de 1970, e sua mudança foi tanto quanto à sua autoria quanto à sua plateia (LUCENA, 2009).

O "cordel" era, originalmente, escrito por poetas humildes, em seu pouso pelas cidades do interior do Brasil, tendo a maioria deles escolarização formal muito limitada; seus pioneiros eram dos Estados da Paraíba e Pernambuco e muitos deles estavam mergulhados na tradição oral do cantador ou do improvisador de versos orais usados em duelos poéticos no Nordeste.

Segundo Melo, “Os poetas travaram uma longa e árdua luta pela aceitação social do repente e da literatura de cordel” (MELO, 2019, p. 254). Acompanhando a afirmativa de Melo, o seu reconhecimento foi lento, tendo a sua produção sofrido grande preconceito por parte da crítica literária e da sociedade como um todo.

## **2.1 O Cordelista Patativa do Assaré**

Patativa do Assaré, homem simples, do meio rural, tornou-se um apaixonado por essa Literatura desde o primeiro contato que teve com ela, ainda na roça. A sedução exercida pela beleza das rimas, transmitidas pelos

sons da oralidade, conseguiu fazer desse agricultor do interior do Ceará um admirável poeta. Nascido em 05 de março de 1909, era filho de Pedro Gonçalves da Silva e de dona Maria Pereira da Silva, tendo recebido, no batismo, o nome de Antônio Gonçalves da Silva. Mais tarde, pela sonoridade de suas poesias, que eram comparadas à da ave patativa, e por ter nascido no município de Assaré, recebeu o apelido que o caracterizou como um dos maiores poetas populares do Nordeste: “Patativa do Assaré”. Ele casou-se com Dona Belinha, com ela teve 9 filhos.

Patativa morreu em 08 de julho de 2002, aos 93 anos, mas, enquanto teve vida e saúde, sempre plantou e cuidou da sua roça; nunca deixou de ser agricultor, Começou a trabalhar no campo com aos 8 anos de idade, após a morte de seu pai. Ainda muito novo, perdeu a visão direita, em consequência de uma doença então conhecida, popularmente, como “dor-d’olhos”. Estudou apenas 4 meses, em uma escola rural, e, a partir dos 13 anos de idade, começou a fazer pequenos versos, que entregava a moradores da região onde morava.

Patativa do Assaré sempre defendeu o povo sertanejo e conseguiu projeção nacional, na década de 1980, ao participar de lutas pela redemocratização no Brasil, participando, ativamente, da campanha pelas eleições diretas; antes disso, participava de movimentos de resistência à ditadura militar. Nas eleições de 1986, Patativa, amigo de um então candidato ao governo do Ceará, subiu em palanques de campanha pedindo votos ao povo para o político que se dizia “candidato das mudanças”; todavia, teve grande decepção com relação a esse amigo que, posteriormente, se envolveu a escândalos políticos. No entanto, em virtude de sua magnitude no que fiz respeito à oralidade, Patativa promoveu contribuições significativas à cultura de modo geral, como legítimo representante do povo nordestino.

Patativa carrega, sobretudo, o sentimento em sua vida assim como em seu perfil poético, conforme retratado por Brito em “o dado de que se trata de uma obra que, antes de tudo, se deu pela mediação de seu corpo, através da voz, do gesto, do cenário” (BRITO, 2010, p. 50).

Como poeta de admirável valor, deu vida à Literatura de Cordel, valorizando-a com suas rimas e, com elas, conquistou o povo brasileiro, fazendo com que o cordel caísse no gosto popular. Segundo Leonardelli, “O processo de memorização dos versos, sua dinamicidade, a capacidade de lembrar as histórias e de dizê-las sem falhas remetem também à oralidade. Patativa era um hábil memorizador” (LEONARDELLI, 2009, p. 47), assim, como os poetas cordelistas, o autor enriqueceu também a oralidade junto à Literatura de Cordel, graças à sua grande facilidade de memorizar os poemas que fazia, fazendo com que a oralidade se tornasse fortalecida junto aos poemas que se encontravam em folhetos disponíveis nas cordas.

Conforme afirma Oliveira, “as motivações da oralidade de Patativa do Assaré trazem à tona a voz poética da consciência política e crítico-social” (OLIVEIRA, 2019, p. 4). Isso ocorre porque Patativa dá voz a uma luta, valorizando o seu povo e a sua região, e, por meio da oralidade, ressalta, em sua poesia, os sentimentos de esperança de uma gente sofrida. Assim, é um poeta que insere sua vida em seus poemas e valoriza o seu povo, buscando, por meio de uma crítica político-social marcada por brilhantes rimas traduzidas pela oralidade de forma ímpar.

Segundo Pinheiro: “A poesia de Patativa se constrói pela força da voz que se faz ouvir, imediatamente, de qualquer direção” (PINHEIRO, 2006, p. 136). Dessa forma, evidencia a importância do cordel para a tradição oral, claramente dignificante, porque ele valoriza, por meio da fala, a tradição inerente à oralidade – que, diferentemente da produção escrita, é de domínio público maior, pertencente a quase todos, letrados ou não – tomada como uma

referência para nutrir a sua poesia emoldurada por sentimentos e que conforme Brito, “O sertão do poeta ultrapassa o estritamente local, universalizando-se tanto nos temas, na linguagem, quanto nos sentimentos contidos em cada verso” (BRITO, 2010, p. 41). Em virtude da magnitude de seu trabalho, sua obra conquistou a Universidade de Sorbonne, na França, sendo estudada na cadeira de Literatura Popular Universal.

## **2.2 A Importância da Literatura de Cordel Para a Cultura do Povo Brasileiro em Geral**

Na Literatura de Cordel, a seca, a pobreza, a morte e um pouco de humor sarcástico são representados, são parte da história das pessoas, dos lugares. Esse tipo de manifestação cultural chegou ao Brasil por intermédio do seu passado colonial; o cordel começou pela via oral, como importante forma de se levar informações a quem não tinha acesso. Mais de 100 anos após a publicação do primeiro cordel, esse gênero textual está sendo ressignificado pelas novas gerações e pelas novas mídias, mas ainda enfrenta muitos desafios, como, por exemplo, ser reconhecido como patrimônio cultural.

O cordel é, também, repositório de expressões artísticas em uma sociedade. Sua beleza se espalha, rompendo fronteiras culturais, e é considerado um canal para se encontrar equilíbrio, harmonia e beleza no mundo, e enfatiza a necessidade de se entender a dor, o sofrimento e o mal. Explica as causas do sofrimento humano, os justifica e sugere formas de mediação e cura do sofrimento.

Verifica-se, então, que a Literatura de Cordel tem grande potencial para contribuir para a transformação de uma sociedade. Conforme afirma Meneses, a Literatura de Cordel tem o poder de fazer o bem por meio das palavras

oriundas de seu contexto e esse fazer o bem, se apresenta pela ação transformadora ao se ler e da mesma forma ao ouvir um cordel. Conforme Silva *et al.*, “a literatura de cordel pode ser definida como patrimônio da cultura nordestina, na medida em que propicia o resgate histórico da cultura tradicional” (SILVA *et al.*, 2010, p. 308). A propósito, Menezes defende que:

Se quisermos ser mais específicos e considerar o cordel uma “arte da palavra”, precisamos então esclarecer: arte como uma maneira de fazer, no caso, de fazer falando. Mas arte é uma maneira de fazer bem, não qualquer fazer, não com qualquer palavra, mas com a palavra estética guiada por regras de consenso. (MENESES, 2019, p. 230).

Sendo assim, as palavras usadas na Literatura de Cordel estão presentes na vida dos cidadãos, no seu cotidiano, como um todo. Assim, ela consegue motivar leitores e ouvintes, fazendo com que esses possam se situar nos textos ou, ainda, ter noção exata dos problemas ou das situações descritas pelo poeta, quando este faz uso de elementos de oralidade comuns em determinada região ou cultura. A propósito, afirma Kulikowski (2002),

A inclusão da coloquialidade transforma o cotidiano em grande tema, transforma o aparentemente banal em uma materialidade que assume nuances e status literários. Junto com a linguagem “autorizada” pelo cânone literário, uma linguagem paralela está sendo criada, um “eco” familiar que é interpretado a partir da experiência da fala do leitor. Os personagens “falam”, descrevem-se, contam-se, encurtam distâncias porque falam a partir das suas experiências narrativas, o que lhes permite reconstruir linguagens interiores, modos de dizer através dos quais se filtram as vozes sociais e as do próprio narrador. (KULIKOWSKI, 2002, s.p.).

Observa-se, nessa afirmação de Kulikowsky (2002), que as falas das personagens expressam suas vivências cotidianas. Assim, o cordel torna-se um tipo de literatura de fácil entendimento, porque permite que os leitores e ouvintes se sintam inseridos naquele meio, partícipes daquelas práticas sociais ou culturais, e, dessa forma, ocorre uma familiarização com os textos, trazendo-os para si.

Seguindo nesse mesmo caminho, Gabriel afirma que “a facilidade de produção de um cordel é extremamente simples como são as coisas do povo; não precisa de tanto apuro no estilo ou regras; ela abarca todas as classes sociais” (GABRIEL, 2012, p. 18). Essa facilidade, inerente ao cordel, é que faz aproximar os variados tipos de leitores; a facilidade, mediada pelas palavras, tem o poder de unir todas as classes em um único entendimento, por meio da oralidade. Valores culturais e sociais agregam-se em uma mesma condição, quando se tem em mente um leitor ou ouvinte de cordel.

Em outra perspectiva, Cierlica (2015) destaca que, segundo postula a Linguística Descritiva a literatura do tipo cordel pode ser considerada como primazia do ato linguístico oral, sendo classificada como popular, viva e natural, contrapondo-se à escrita artificial, literária, acadêmica e normativa. Essa abordagem tem a ver com o fato de que, historicamente, antes da linguagem escrita, a linguagem oral é considerada "pura", no sentido de não ser "contaminada" pela escrita. Da mesma forma, a escrita constitui mera técnica de transcrição de enunciados orais, uma técnica neutra, por meio da qual os processos orais podem ser estudados. Assim, Câmara Cascudo observa que:

A maioria desses folhetos é lida para os que não sabem ler, nas varandas, copiães, terraços, calçadas, em roda, atentos, silenciosos. Ainda hoje nas fazendas de gado do nordeste, nas vilas e cidades brasileiras, em todo o território, há uma assistência obstinada para essa literatura, em voz alta, lenta, ou arrebatada e tatalante nas passagens emocionais ou belicosas. Essa literatura é poderosa e vasta. (CASCUDO, 2012, p. 19).

Com esse conceito, evidencia-se que a literatura oral é um recurso que consiste levar a obra Patativana ao conhecimento e ao gosto popular. Ela permite, então, alicerçar a poesia de cordel.

Matos, por sua vez, apresenta, com grande sabedoria, o poeta popular na Literatura de Cordel, destacando o valor da oralidade para essa literatura, nestes termos:

Sábio, o poeta popular percebe o fascínio da palavra oralizada, porque é ela o principal meio de comunicação de histórias, narrativas, fatos, casos etc., ou seja, é ela, em verdade, a grande mediadora entre o homem (que conta/canta) a sua experiência. É por isso que a literatura de cordel ou de folhetos é ainda um gênero narrativo muito cultivado pelos poetas populares do Brasil. (MATOS, 2007, p. 150).

Observa-se, nessa afirmação de Edilene Matos (2007), que o encantamento do cordel se traduz, na tradição popular, por meio da oralidade. Conforme também ela afirma, a oralidade no Cordel é o brilho da Poesia. Decorre daí a importância de o cordel se apresentar na oralidade, com a transparência nas palavras, ao serem recitadas e/ou cantadas. A capacidade de transformação da Literatura de Cordel, ao se fazer reconhecida tanto pela criança quanto pelo idoso, e acessível a ambos, e em todos os grupos sociais, sendo promovida a esse patamar de popularidade pela sua própria linguagem, impulsiona, por si, essa transformação, contribuindo para agregar conhecimentos ao leitor, sem que ele perceba isso, às vezes.

### **3 ANÁLISE**

A seguir, analisam-se conteúdos que valorizam a Literatura de Cordel e que se agregam a ela, assim como um contexto sobre Patativa embasados na obra do estudo.

#### **3.1 A Xilogravura**

Nas décadas de 1930 e 1940, centenas de cordéis foram publicados em papel e lidos em voz alta para quem não sabia ler. Funcionavam, principalmente, como forma de entretenimento, socialização e informação. Como maioria das pessoas não tinha educação formal adequada, a linguagem

adotada na Literatura de Cordel não trazia apenas marcas específicas da linguagem oral, também continha muitas palavras escritas em Português impróprio. Esse foi um dos aspectos que, associado ao fato de ter sido produzido para e pelas massas, ajudou a criar um estereótipo negativo em torno do gênero.

As obras de Literatura de Cordel, via de regra, são publicadas em um pequeno panfleto, com uma imagem ilustrativa na frente, geralmente feita em xilogravura. Sempre foram muito baratas e, portanto, acessíveis a todos. Assim, conforme afirmam Monteiro e Pires (2013), o uso de ilustrações no cordel tinha por objetivo alcançar um público não letrado, uma vez que grande parte de seus apreciadores tinha baixa ou nenhuma escolaridade.

Entretanto, mesmo sendo produzido para analfabetos ou não escolarizados, o Cordel continha rimas, fazendo com que houvesse, dessa forma, maior facilidade de memorização; as pessoas não letradas conseguiam, com esse recurso, se familiarizar, com mais facilidade, com a Literatura. A Literatura de Cordel é demonstrada pela grande facilidade na tradução de seus pensamentos, assim como sua inserção na Música Popular e o seu conceito junto à Xilogravura, apresentada por meio dos desenhos que transmitem informações e emoções, conforme Monteiro:

A xilogravura surge no cordel como uma forma de atingir o público não letrado. Suas matrizes de madeira (advinda do cajá, árvore frutífera abundante na região) forma base para a gravação de imagens de aspecto ingênuo, visto seus produtores não possuírem formação e erudição acadêmica. (MONTEIRO; PIRES, 2013, p. 4).

Assim como aponta Matos, “É na Literatura de Cordel em que a Xilogravura popular se expressa com toda sua força criativa e o ideário mágico do agreste” (MATOS, 2007, p. 12), porque é por meio do Cordel que a Xilogravura ganha respaldo e graça, bem ao gosto popular. Entre a Xilogravura e o Cordel estabelece-se uma simetria e uma comunhão de entendimentos

para a transmissão de histórias e estórias à imaginação de um povo, sendo essa Arte caracterizada por Gabriel nestes termos:

É uma arte criada por mãos cheias de calos, feito às vezes pela enxada, pela foice e o facão, de trabalhadores, artesãos e artistas autodidatas, o que não impede que a criação artística brote de forma brilhante nos sertanejos, muito pelo contrário, é a mais genuína expressão da arte. (GABRIEL, 2012, p. 13).

Segundo estudo desse teórico, a Xilogravura pode ser estendida como Arte autônoma e, ao mesmo tempo, associada à Literatura de Cordel, por também ser uma Arte que envolve pessoas simples, do sertão, frequentemente pessoas autodidatas e autênticas em suas expressões, que carregam veias artísticas traduzidas pela essência de suas raízes. Esse tipo de representação tem sua origem na madeira, mas transfere-se para o papel, inserindo, nesse momento, as traduções da Literatura de Cordel, ela é uma Arte Visual que, agregada ao cordel, apura os sentimentos da poesia construída por meio da oralidade.

Assim, com características marcantes, as xilogravuras apresentavam contornos ousados de pássaros exóticos, pavões, crocodilos, tamanduás, cobras, galos, dragões e peixes, símbolos de reprodução. Além disso, apresentavam figuras femininas sensuais ou maternais. Os heróicos trabalhadores nordestinos, em seu ambiente árido, costumavam ser retratados como se contassem histórias povoadas por arquétipos locais emoldurados em atraentes grades ópticas de linhas e texturas.

Desse modo, o Cordel e a Xilogravura estabelecem uma grande parceria, partindo das histórias contadas com base no imaginário do povo, conforme exemplifica Figura 1.

Figura 1 – Exemplo de xilogravura,



Fonte: Arievaldo. “Patativa do Assaré” *apud* Arruda (2009).

É necessário, portanto, que se estabeleça uma interlocução entre o cordelista e aquele que trabalha com xilogravura, para que haja mistura harmônica dessas duas grandiosas artes que, juntas, conseguem, então, transmitir o belo, criado pela essência de sentimentos vividos, em sua grande maioria, no sertão brasileiro, como pode se observar na FIG. 2, que ilustra o cordel “Vaca Estrela e Boi Fubá”, de Patativa do Assaré.

Figura 2 – Xilogravura do cordel “Vaca Estrela e Boi Fubá”.



Fonte: Arievaldo. “Vaca Esrela e Boi Fubá” *apud* Arruda (2009).

A FIG. 2, ressalta, com clareza. O poema “Vaca Estrela e Boi Fubá”, retratando, como consequência da seca nordestina, a morte da “Vaca Estrela” e do “Boi Fubá”, identificados pelas carcaças do amado gado, pelos urubus e pelo solo árido.

É importante observar formatos estruturais voltados para a transmidialidade que, observados por meio de uma associação de elementos, visam enriquecer a Literatura de Cordel. Conforme afirma Figueiredo: “A transmídia se apoia em uma tríade: a convergência dos meios de comunicação, a cultura participativa e a inteligência coletiva” (FIGUEIREDO, 2017, p. 3); assim, a Xilogravura e a Música se entrelaçam como mecanismos que, engrenados, valorizam ainda mais a Literatura de Cordel e contribuem para a sua evolução.

### **3.2 A Música Popular e o Cordel**

Segundo Damazo, “a música popular brasileira se perpetua por meio de canções que calam fundo os sentidos da vida e o sentimento do gosto popular” (DAMAZO, 2008, p. 1). Assim também se perpetua a Literatura de Cordel, que busca expor sentimentos e traduzi-los em seus versos e rimas. Nesta vertente, a Música e o Cordel estão singularmente relacionados, por se constituírem, em palavras e canções, a expressão das emoções onde o autor resgata sentimentos e experiências enquanto humano.

Partindo desse conceito, Patativa do Assaré, é, também, uma junção de poeta e compositor, porque suas obras estabelecem um perfil poético-musical por meio de suas ideologias.

De acordo com Quintela (2005), as características orientacionais presentes na Música Popular e no Cordel teorizam sobre funções "atitudinais" do estilo com base na "postura" do arranjo em relação ao uso histórico e

cultural do estilo. Para se conformar as características orientacionais, observam-se aspectos que incluem os papéis das pessoas envolvidas na criação e no consumo do estilo, em termos de força de trabalho e público-alvo; *status* e propósito de estilo; e os locais históricos típicos de criação e consumo do estilo que ilustram *status*, propósito e valor cultural, por meio da conexão com locais físicos ou abstratos (SALGADO *et al.*, 2019).

Sob essa perspectiva, as características organizacionais nos permitem ver como os textos reivindicam coerência, ao se identificarem com outros “de sua espécie”: intertextos relevantes, cânones intertextuais e normas institucionais; literalmente, quaisquer elementos culturais que são chamados a serviço da coerência em uma dada instância estilística.

Assim, a combinação de perspectivas de apresentação, orientação e organização permite uma definição significativa de categorias estilísticas situadas em seus contextos culturais e históricos e fornece uma visão sobre os aspectos retóricos e semânticos do estilo, como ocorre na Literatura de Cordel.

Essas apresentações e representações são observadas por Rodrigues e Canto (2009) que, ao analisarem a obra de Patativa do Assaré, frisam que as linhas por ele escritas em suas poesias procuram delinear imagens do contexto físico no qual ele está inserido; por este motivo, descrevem, com riqueza de detalhes, traços que possibilitam ao seu leitor/ouvinte identificar espaços e contextos sociais distintos.

Sob essa perspectiva Quintela (2005) observa que:

O cordel sempre agregou em seu discurso, em seu suporte e em seu sistema de divulgação mecanismos que lhe permitiram, ao longo dos anos, não apenas resistir, como também atender às injunções do mercado. Da mesma forma, embora se constitua com base na lógica da oralidade e, em princípio, tenha servido, efetivamente, a esse domínio, o cordel não deixa de refletir e mesmo de legitimar, de diversas maneiras, a preponderância do discurso letrado (QUINTELA, 2005, p. 151).

Lucena (2009), referindo-se à oralidade a partir de um referencial da identidade inerente às palavras, observa que, as pessoas sentem necessidade de transmitir as histórias de geração em geração e, com elas, traçam diretrizes para a identidade de um povo que representa o passado de sua riqueza literária a partir da tradição com o procedimento histórico que as palavras direcionam para conteúdos vinculados ao sentimento de pertencimento a uma identidade de quem a conta e a ouve ou lê.

Dessa forma, é notório que, nas autorias de Patativa do Assaré assumidas por um perfil poético/musical, ele expressa suas experiências e emoções vividas em uma região que ele conheceu bem no íntimo. O cordel intitulado “Vaca Estrela e Boi Fubá”, mesmo sendo essa uma bela canção, ressalta sentimentos de tristeza e amargura vividos por um povo do sertão brasileiro. Esse poema, além de ter sido musicado pelo seu autor, também foi interpretado nas belas vozes da dupla sertaneja Pena Branca e Xavantinho e do cantor Fagner.

Patativa ganhou notoriedade após realizar incursões poético-musicais, cantando versos presentes em poesias portuguesas ou em clássicos da Literatura Brasileira, conferindo, por exemplo, musicalidade a poemas de Olavo Bilac ou Guimarães Passos. Assim, passou a compor seus próprios versos e poemas, e os recitava por onde passava. Rebouças (2017), ao abordar a musicalidade das obras desse cordelista, afirmou que:

A voz de Patativa possui flexões e modulações, entonações e onomatopeias que a escrita não alcança com perfeição, canta ais, gemidos e pausas que complementam o significado, há uma preocupação pela palavra e a voz que, juntas, criam a performance, que somado a voz ganha movimento, produzindo sentidos. (REBOUÇAS, 2017, p. 17).

Rebouças (2017) entende que Música, em Patativa, vai além de composição e sonorização; ela se respalda por elementos sonoros que a letra

não consegue alcançar e, associada à voz do poeta, conquista brilho e significado grandiosos.

Justifica-se, portanto, a análise de um poema para melhor compreensão de parte do pensamento e da estrutura textual próprios de Patativa do Assaré, tendo-se, aqui, optado pela análise do citado cordel musicalizado, que segue com efeito de uma produção para maior entendimento sobre a obra de Assaré:

Vaca Estrela e Boi Fubá

Seu doutor, me dê licença  
pra minha história contá  
Hoje eu tô na terra estranha,  
é bem triste o meu pená  
Eu já fui muito feliz  
vivendo no meu lugá  
Eu tinha cavalo bom  
e gostava de campeá  
Todo dia eu aboiava  
na porteira do curral. (ASSARÉ, 2020, p. 347),

Nessa estrofe, Patativa apresenta uma denúncia sobre o sofrimento do homem do campo, vivido no sertão do Nordeste, causado pela seca. Nesse momento, ele expõe, manifestado a dor que está sentido, como era a vida que tinha antes da seca. Quando diz “Hoje eu tô na terra estranha”, está retratando o que acontece com os sertanejos que se exilam por ocasião da seca, tendo que deixar a vida simples do meio rural, devido às mazelas causadas por esse fenômeno. O poeta ressalta que muitos caboclos deixam sua terrinha por não terem mais condições de subsistência nela. Continua o poema, nestes termos:

Eeeeeiaaaa, êeee Vaca Estrela, ôoooo Boi Fubá

Eu sou filho do Nordeste,  
não nego meu naturá  
Mas uma seca medonha  
me tangeu de lá prá cá  
Lá eu tinha o meu gadinho,

não é bom nem imaginá  
 Minha bela Vaca Estrela  
 e o meu lindo Boi Fubá. (ASSARÉ, 2020, p. 347).

Nessa segunda estrofe, reforça a naturalidade do camponês, a vida que tinha e o que motivou sua transferência para outro lugar bem diferente daquele onde nasceu e viveu. Evidencia-se, portanto, nessa estrofe, que o sertanejo deixou a sua região, o Nordeste, para tentar uma vida melhor do que aquela do meio rural, devido à grande seca que fustiga essa região. Ele ressalta, novamente, a vida que tinha, expressa seu sofrimento, quando diz que “não é bom nem imaginá”. Nessa estrofe, ele expressa a saudade que sente da sua Vaca Estrela e do seu Boi Fubá, que tanto estimava.

Eeeeeiaaaa, êeee Vaca Estrela, ôoooo Boi Fubá

Aquela seca medonha  
 fez tudo se atrapaiá  
 Não nasceu capim no campo  
 para o gado sustentá  
 O sertão se estorricou,  
 fez o açude secá  
 Morreu minha Vaca Estrela,  
 se acabou meu Boi Fubá  
 Perdi tudo quanto eu tinha, nunca mais pude aboiá... (ASSARÉ,  
 2020, p.348)

Eeeeeiaaaa, êeee Vaca Estrela, ôoooo Boi Fubá.  
 (ASSARÉ, 2020, p. 348).

Nessa outra estrofe, Assaré expõe a realidade da seca nordestina e as suas consequências. O sofrimento do sertanejo e o lamento, em forma de dor, por ter perdido tudo o que tinha e, da mesma forma, mostra a desilusão que vem com a seca, tendo ele perdendo o seu amado gado, que era também o que levava alegria e alimento ao homem do meio rural.

Por fim, o refrão do poema reforça a explanação do lamento pela saudade da vida no sertão, ao relembrar o chamado do gado. “Eeeeeiaaaa, êeee Vaca

Estrela, ôoooo Boi Fubá”, transfigura-se pelo choro e pela dor causada pelas lembranças do caatingueiro.

O poema “Vaca Estrela e Boi Fubá” apresenta uma narração em forma de denúncia. Nele, o poeta dá voz ao sertanejo nordestino, buscando, portanto, mostrar a falta de apoio ao sertanejo por ocasião das secas no Nordeste brasileiro. Patativa, aí, destaca acontecimentos comuns e, de certa forma, corriqueiros, do cotidiano do homem do agreste nordestino, e, assim, esse seu poema se converte em um grito por busca de melhorias para aquela região.

O estudo linguístico do cordel “Vaca Estrela e Boi Fubá” evidencia que todas as rimas desse poema são sustentadas por variação linguística, cumprindo ressaltar que elas acontecem nos versos pares. A métrica se faz presente, nesse poema, promovendo aproximação da sua letra com a música. Essa obra é trabalhada, também, com função conativa, destacando-se, em sua constituição, palavras mais próximas da oralidade do homem do sertão nordestino.

A propósito do Cordel, Damazo (2008) afirma que “suas canções, poemas e canções/poemas têm como substrato o olhar do oprimido que criticamente caracteriza essa situação” (DAMAZO, 2008, p. 4). Segundo ele, esse poema se destaca como um pranto e, ao mesmo tempo, uma denúncia do sofrimento do povo nordestino durante as secas, que são constantes naquela região; com olhar sofrido, que traduz em palavras, seu autor ilustra em canção e poema a vida do pequeno produtor nordestino. Patativa utiliza de sua fala simples para agregar as rimas que valorizam a oralidade desse cordel.

O poema estudado tem, portanto, como autor um cordelista e compositor que apontou, em palavras, a situação de injustiça-social vivida, por um povo no agreste. Patativa destaca, também, a passividade daquele povo já acostumado com a triste realidade observada, resultante da seca e da miséria e se torna, portanto, tradutor do sofrimento vivido pelo seu povo.

Nesse contexto, o cordel ora analisado demonstra a importância da oralidade, configurada em seus versos, associada às rimas; sendo, ele apresenta a condição de inseri-lo à Música. A Música, nesse poema, se torna eloqüente no momento que se destaca no refrão, que, na finalização de cada estrofe, se apresenta como lamúria e sofrimento em forma de saudade dos animais que não resistiram à seca do sertão.

Não somente o poema aqui estudado foi musicado, mas alguns músicos emprestaram suas vozes a poemas de autoria do poeta, como o nobre cantor Luiz Gonzaga, que interpretou “A Triste Partida”, assim como o cantor e o violonista Gereba, que musicou “Festa da Natureza”, e o cantor José Fábio, que, em 1999, lançou o CD “Canta Patativa do Assaré”, no qual musicou 16 obras do poeta; entre elas, 3 foram em parceria com o músico Téo Azevedo, sendo elas “Viva o povo brasileiro”, “Menino de rua” e “Lamento de um nordestino”. O próprio Patativa também musicou alguns dos seus poemas e, assim, ele era, bem mais que um poeta, um poeta compositor. Constata-se, então, que, Patativa do Assaré tem importância significativa para a Literatura Brasileira, tendo dado a ela significativas contribuições e, de modo singular, para o acervo do cancioneiro nordestino. Em sua obra, o poeta apresentava questionamentos sobre as desigualdades presentes no sertão, expondo as injustiças cometidas contra seu povo.

Patativa do Assaré registrou, em suas canções, as lutas diárias, revoltas, paixões e clamor do povo do Nordeste. Demonstrou-se artista autêntico e fiel às suas origens, participando ativamente da vida sofrida entremeadada na sociedade na qual estava inserido.

Assim, no contexto ora analisado, é possível inferir que a oralidade, presente no cordel, consiste em um sistema triplamente integrado, constituído por componentes verbais variados, mas, sobretudo, permeado por emissões sonoras, decodificação semântica e elementos paraverbais que, somados a um

repertório que se vincula à dimensão cultural na qual o autor está inserido. Por essa razão, pertence a um triplo plano verbal ou linguístico e a um plano semiótico-cultural. Isso, logicamente, determina a imensa variedade de possibilidades de comunicação do cordel, bem como a sua riqueza de formas e registros, que resulta em textos híbridos e polifônicos, conforme o atesta o cordel “Vaca Estrela e o Boi Fubá”, de Patativa do Assaré (2020).

Pode-se, por isso, observar a conexão que se estabelece entre a oralidade e a musicalidade nos versos desse cordel, notando-se, claramente, o estilo de linguagem presente no universo do cordelista, que estão arraigados ao contexto histórico do sujeito, dentro da coletividade tão característica onde nasce cordel e se faz perene.

### **3.3 Contextualização do estudo**

A obra estudada é uma das mais conhecidas do poeta Patativa do Assaré, cujo centenário foi comemorado em 2009, por sua grandiosa expressão inserida, pelas vias da oralidade, do cancionero nordestino.

Alguns estudos que ilustram a oralidade em Patativa do Assaré e o consagram como um dos maiores poetas brasileiros, são apresentados durante a contextualização do trabalho. Entre os artigos destacados nessa obra, cumpre destacar o que é intitulado “Patativa – Poeta do Brasil”, onde o escritor Rosemberg Cariry (CARIRY *apud* ARRUDA, 2009, p. 12) demonstra ao poeta enorme respeito, compreendido como um guardião de saberes e sensibilidades de um povo; sendo assim, conforme evidencia o texto analisado e as citações aqui apresentadas, a reverência feita ao poeta é justa, pelo que representa, com transmissão de saberes pela oralidade, como legítimo e grande conhecedor da vida e do sentimento do povo nordestino, vivem em seus cordéis.

Assim, conforme destaca, artigo, Gilmar de Carvalho (CARVALHO *apud* ARRUDA, 2009, p. 36), “o homem de um metro e meio se agigantava, a voz se alteava e os gestos eram eloquentes” (2009,p. 36). Nesse sentido, o poeta, arraigado à sua cultura, torna-se imponente por meio da sua oralidade, fazendo com seus leitores não apenas leiam seus poemas, mas se envolvam, graças à oralidade que exhibe, interpreta, envolve e provoca a sentimentos.

Como representante fidedigno da sua gentes, manifesta-se, por meio da oralidade, em uma literatura repletas de aprendizados. Não sem razão, Patativa recebeu, como justa homenagem, o título de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), segundo afirma Cândido Neto (NETO *apud* ARRUDA 2009, p. 83). Tamanha foi a sua importância para a valorização do Cordel, com envolvimento do poeta aos seus ouvintes, incluindo os leitores; é honroso portanto o reconhecimento ao ser concedido o título ao poeta. Esse título concedido ao poeta valoriza a cultura de todo um povo, assim como dignifica a sabedoria do caboclo e da sua vida.

Como tributo ao centenário de Patativa, o Senador Arruda (2009, p. 107), em seu reconhecimento, destaca o poema “Vaca Estrela e Boi Fubá”, “num tom melancólico, celebra as raízes nordestinas de um migrante”. Nessa fala, diz-se sobre uma celebração, nesse poema, mas, ele muito mais que uma celebração, esse cordel-poema lamenta e denuncia as amarguras do caboclo nordestino, quando a saída que tem é deixar o sertão.

Nesse livro também se publica uma entrevista dada por Dona Inês e Geraldo, filhos do consagrado poeta do sertão. Nela, falam sobre a vida simples do pai, como ele fazia os poemas ainda no interior, do amor que sentem por ele e, também, sobre como era Patativa, o pai. Falam, também, sobre como enxergam a obra do seu pai e uma observação interessante é a de que Dona Inês relata que nos poemas do seu pai é marcado pela verdade: “a obra dele é muito importante porque não tem um poema pra não ser contando

uma verdade” (ARRUDA, 2009, p. 116). Ela ainda salienta que o seu pai escrevia, com sentimento, todos os poemas e, por isso, ela lembra que ele tinha orgulho de recitar suas poesias para os filhos.

Nesse livro, apresenta-se uma seleção de poesias do agraciado, nas quais se revela toda a paixão de Patativa pelo seu povo e pelo sertão, valorizando, por meio das rimas, a vida, o trabalhador e o agreste. Por fim, com uma cronologia do poeta, encerra-se essa obra. Trata-se de um registro valioso, que ele possa ser ainda mais reverenciado pela sua grandiosa passagem na terra. Assaré nasceu em 1909, mas foi em 1917 que ouviu, pela primeira vez, um cordel, nascendo, nesse momento, sua vontade de se tornar um cordelista e foram anos de uma luta, até se tornar, merecidamente, reconhecido por seus cordéis. Ele morreu em 2002, vítima de pneumonia dupla e falência múltipla dos órgãos, deixando, como seu grande legado, a valorização do trabalhador, do homem do campo e do agreste nordestino, por meio da Literatura de Cordel.

O estudo sobre Patativa do Assaré indica o estabelecimento de uma relação natural entre elementos musicais e poesias, sendo observadas as rimas e uma estética própria inseridas, por esse poeta, em suas criações. A análise ora realizada do cordel-canção “Vaca Estrela e Boi Fubá” deixa claro todo um trabalho de composição realizado.

A obra de Patativa, desta forma, constitui-se como um emaranhado de modulações, entonações e onomatopeias que, de acordo com Rebouças (2017), podem ser verificadas durante a sua leitura, representação ou sob a forma de canção, ganhando sentido e movimento na voz de quem as apresenta ou representa.

Conforme se depreende do aqui exposto, as obras de Assaré são evidências de um desempenho poético específico, por meio do qual ele consegue externar aos admiradores de seu trabalho o privilégio de entenderem

a grandiosidade de suas composições. São atos performáticos e únicos em um universo amplo de peças que descrevem, com riqueza de detalhes, sentimentos diversos inerentes ao universo do sertanejo. Concordando com o descrito acima, Nogueira reitera que:

Hoje se sabe que a cultura popular só é compreensível quando incorporada à vida da comunidade, ou seja, dentro do conjunto estrutural do qual faz parte. Seu estudo exige uma descrição sociológica que a situe no interior dos grupos. Abandona-se a simples descrição da manifestação cultural; o contexto social e o espaço físico deixam de ser tratados como cenário apenas e tornam-se componentes estruturais da análise. (NOGUEIRA, 2017, p. 181).

Sob essa perspectiva, a cultura popular presente na região Nordeste brasileira tem se reafirmado como elemento de resistência de grupos sociais menos privilegiados e, muitas vezes, esquecidos. Patativa, porém, em suas obras, e com elas, se faz lembrado, mantendo viva a cultura do sertão, expressa por meio de suas representações orais de cordéis, nas quais são destacadas o linguajar do matutos e do caboclos de sua região.

Dessa forma, as variedades linguísticas somadas à oralidade conferem significados sociolinguísticos peculiares à cultura popular, conferindo *status* de obras de arte a muitas das suas manifestações, situando-os no mesmo patamar de obras de poetas de renome de clássicos da cultura brasileira. Diante da riqueza da obra deixada por Patativa, escreve Moura:

O seu curioso legado poético transportado pela substância sonora ganha primordialmente a mediação eletrônica (rádios e vídeos), para posteriormente compor o formato impresso. Por este motivo, em seu legado foram assimiladas e exercitadas as diferentes formas de oralidade, do primitivo ao mais moderno para sua época. Tomando esse caminho, Patativa do Assaré faz da sua produção literária o território das suas memórias e da memória coletiva, sejam elas narrativas, sejam elas traumáticas, sejam elas afetivas, sejam elas sensoriais. (MOURA, 2015, p. 257).

Em qualquer cenário cultural no qual estivermos inseridos, portanto, é possível observar a relevância da oralidade, com sua musicalidade e suas várias outras representações, para a formação do indivíduo. A estruturação do cordel nordestino dissemina, até os dias atuais, a capacidade de criação do cordelista, que se solidarizava com o sofrimento, as mazelas, os afetos e a beleza dos outros, fazendo emergir por meio de sua obra, o orgulho de ser nordestino.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa que norteou este estudo demonstrou que a Literatura de Cordel de Patativa do Assaré, apesar de suas grandes dificuldades para ser reconhecida como uma literatura com grandes valores, trilhou um caminho incansável para chegar ao gosto popular e, dessa forma, também conseguir, por meio da oralidade, alcançar uma comunicação modificadora, nascida do seu contexto e, potencialmente, atuante sobre ele.

Patativa do Assaré é um dos grandes poetas responsáveis por todo esse alcance conquistado pela Literatura de Cordel. Seus cordéis destacam-se por uma tecitura harmoniosa, associada às rimas, assim como pela linguagem popular, que incorpora ao seu fazer poético, sensível ao momento e à realidade de seu povo.

O poeta teve como base e valor o trabalho na Agricultura. Filho de família muito pobre, esteve nos bancos escolares por poucos meses, mas conseguiu, com sua oralidade ímpar, e junto dos sentimentos envolvidos à sua obra alcançar notoriedade mundial. Antônio Gonçalves da Silva, assim como a ave que lhe rendeu o apelido de Patativa do Assaré, conseguiu voar alto. Sua literatura foi objeto de estudo em uma das maiores universidades do mundo, qualificando,

dessa forma, a sua oralidade e os sentimentos manifestados em sua linguagem poética.

O cordel, por ser elemento de uma literatura de fácil acesso, mesmo depois de um tempo bem considerável, consegue associar sua oralidade ao povo como um todo. Patativa, pessoa simples, como sempre foi, mas baseado em sua cultura específica, consegue, por meio de suas rimas, transformar o cordel em uma literatura necessária para a oralidade do povo brasileiro. A Literatura de Cordel se apresenta com valores para a cultura do povo brasileiro por meio de uma linguagem simples associadas à realidade da população.

Conforme o estudo, a Xilogravura e a Música visam valorizar o brilho que a Literatura de Cordel nos transmite, os desenhos com características do agreste nordestino têm por função repassar uma mensagem carinhosa de um povo sofrido.

Sendo assim, o poeta, em seus cordéis, nos apresenta o Nordeste como ele é, mas, por meio de uma ilustração oral, ele conquista todas as camadas sociais e faixas etárias. A oralidade simples de Patativa motiva os leitores e, também, aqueles que apenas conseguem ouvir o cordel, uma vez que, a musicalidade presente no cordel, tem por finalidade agregar junto à oralidade uma atenção maior para o ouvinte. Conforme a oralidade de Patativa do Assaré, o Cordel “Vaca Estrela e Boi Fubá” apresenta uma valorização do interior do agreste nordestino, traduzido por meio do sofrimento vivido por aquele povo. Esse cordel é um lamento “versejado”, como dizia o próprio poeta, e nele está inserido um grito de dor que representa a vida do povo do sertão brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, I. **Patativa do Assaré: Poeta Universal**. Fortaleza: Gráfica Pouchaim Ramos, 2009. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/385447>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ASSARÉ, P. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino. 2. reimp.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BRITO, A. I. A. de. **Patativa do Assaré: Porta-voz de um Povo: as Marcas do sagrado em sua Obra Capa comum**. São Paulo: Paulus, 2010.

CASCUDO, L. da C. **Literatura Oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2012.

CIERLICA, P. **Características significativas da Oralidade no Conto Hispano-Americano: Juan Rulfo**. Dissertação. Universidad Complutense de Madrid, 2015.

DAMAZO, F. A. F. T. Se o moço quer saber minha história, seu doutor, me dá licença, eu vou contar. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC - Tessituras, Interações, Convergências. 2008. São Paulo. *Anais [...]* São Paulo: Associação Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC, 13-17 jul. 2008. Disponível em: <[https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/030/FRAN\\_CISCO\\_DAMAZO.pdf](https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/030/FRAN_CISCO_DAMAZO.pdf)>. Acesso em: 16 nov. 2020.

**Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Cravo Albin. Disponível em: <<https://dicionariompb.com.br/patativa-do-assare/dados-artisticos>>. Acesso em: 29 jun. 2021.

FIGUEIREDO, C. **Expandindo os limites: a transmídia no campo da intermedialidade**. Belo Horizonte: Aletria, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/12079>>. Acesso em: 10 maio 2021.

GABRIEL, A. L. **Xilogravura Como Expressão da Cultura Popular**. Disponível em: <[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5690/1/2012\\_AdemirLopesGabriel.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5690/1/2012_AdemirLopesGabriel.pdf)>. Acesso em: 29 set. 2020.

KULIKOWSKI, M. Z. M. Oralidad en la literatura: ecos de lo cotidiano en Manuel Puig. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 2.*, 2002, São Paulo. **Proceedings online...** São Paulo: Associação Brasileira de Hispanistas, out. 2002. Disponível em: <proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttex&pid=MSC0000000012002000100044&lng=em&nrm=iso>. Acesso em 29 set. 2020.

LEONARDELLI, P. **Patativa do Assaré e a identidade sertaneja: oralidade, memória e religiosidade.** 2009. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009. Disponível em: <https://www.google.com/url?q=http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/6441/1/Poiana%2520Bernabe%2520Leonardeli.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

LUCENA, B. Novas dicções no campo literário brasileiro: Patativa do Assaré e Carolina Maria de Jesus. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 34, p. 73-93, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4846053>. Acesso em: 29 jan. 2021.

MATOS, E. Literatura de cordel: a escuta de uma voz poética. **Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 149-167, jan. 2007. Disponível em: <seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/382>. Acesso em: 29 jan. 2021.

MELO, R. A. Do rapa ao registro: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 72, p. 245-261, abr. 2019.

MENESES, U. T. B. A literatura de cordel como patrimônio cultural. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 72, p. 225-244, jan./abr. 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i72p225-244>. Acesso em: 27 set. 2020.

MEZAVILA, E.; CRUZ, A. D. A literatura de cordel e sua aplicabilidade no estudo da variação linguística. **Cadernos PDE - Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor.** Paraná, 2016.

MONTEIRO, Ênio Chaves; PIRES, Vera. Tautologia da xilogravura de cordel: oralidade, texto e imagem. **Revista Nau Literária**, Rio Grande do Sul, v. 9, 2013. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/issue/view>>. Acesso em: 26 jan. 2021.

MOURA, H. D. O sertão de Patativa do Assaré. A infância e a oralidade na poesia inspirada na formação e cultura do sertanejo (1956 -1978). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 63, p. 243-258, jun. 2015.

NOGUEIRA, R. C. A poética popular e social de Patativa do Assaré. **Letras**, Santa Maria, v. 27, n. 55, p. 173-193, jul./dez. 2017.

OLIVEIRA, V. **Patativa do Assaré de corpo e língua no *devir* da voz e da oralidade**. 2019. Disponível em: <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111650.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2020.

PINHEIRO, S. **Patativa do Assaré**: entre o oral e o escrito. 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3842>>. Acesso em: 20 out. 2020.

QUINTELA, Vilma Mota. **O cordel no fogo cruzado da cultura**. Orientadora: Doralice Fernandes Xavier Alcoforado. 2005. 229 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10956/1/Vilma%20Mota%20Quintela.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2021.

REBOUÇAS, M. M. **Patativa do Assaré**: poesia, canção e consciência. 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação, Departamento de Música, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <<https://www.google.com/url?q=https://repositorio.unb.br/handle/10482/31530>>. Acesso em: 20 out. 2020.

RODRIGUES, I. de O.; CANTO, R. de C. da S. Formas e sentidos da cultura popular na literatura de cordel de Patativa do Assaré. **Nonada: Letras em Revista**, v. 2, n. 13, out. 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451679006.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2021.

SALGADO, F. V. dos S.; SOUSA, G. M. de; BARBOSA, L. M. de Souza; CUNHA, S. R. da; PIRES, A. D. A literatura de cordel e suas manifestações na cultura erudita e na popular. **Travessias interativas**, v. 9, n. 19, p. 408-428,

jul./dez. 2019. Disponível em:  
<<https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/12705>>. Acesso em: 20  
fev. 2021.

SILVA, S. P. da; ARCANJO, J. G.; SOUZA, H. C. B. de ; SANTOS, R. M. S.;  
SOUZA, C. O. de; LUCENA, C. R. S. de; ARAÚJO, W. E. de; LUCENA, K. G.  
M. de; TENORIO, A. C. Literatura de cordel: linguagem, comunicação, cultura,  
memória e interdisciplinaridade. **Raído**, v.4, n. 7, p. 303-322, jan./jun. 2010.  
Disponível em: <[www.http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/article/](http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/article/)>. Acesso em: 29  
jan. 2021.